



EXEQUIAS DA RAINHA DE PORTUGAL, NA CIDADE DA BARRIA.

AS EXEQÜIAS DA SENHORA D. MARIA II
NA CIDADE DA BAHIA.

O AMOR da patria não esmorece com a ausencia, antes se aviva.

De qualquer parte, a saudade dos filhos, unida pelo sentimento á fortuna do seu berço, atravessa as distancias, e vem participar dos triumphos que o exaltam, ou das maguas que o consternam.

Em remotas regiões, a milhares de leguas da terra natal, o coração nunca se esquece d'ella, tomando como proprias as venturas e as calamidades que a visitam.

Longe de afrouxar com o tempo, este vinculo moral é d'aquelles que todos os dias se apertam mais, parecendo pequenos todos os sacrificios para attestarem o ardor de uma afeição, que só no tumulto adormece.

A infausta perda da senhora D. Maria II offereceu aos portuguezes residentes na Bahia a occasião de o mostrarem. A antiga lealdade, que tantos prodigios gerára em epochas ditosas para a gloria das nossas armas, manifestou-se nos descendentes dos bravos soldados de D. Manuel e D. João IV.

A dôr do reino associou-se de longe a dôr dos subditos ausentes; e ás lagrimas derramadas junto do sepulchro da rainha vieram misturar-se os prantos dos que, não podendo ver, sabiam sentir e acompanhar o luto de um paiz, sempre distincto pela sua acrisolada dedicacão á monarchia.

Apenas a triste noticia da orphandade chegou á Bahia, os negociantes portuguezes, commovidos, euclaram logo de provar que se lembravam do que eram, e do que deviam á patria e a si. Procurando o consul, e auxiliados por elle com plena e zelosa adhesão, decidiram celebrar as exequias da soberana fallecida com a pompa e grandezza proprias da sua elevada cathedra.

Designaram logo a commissão incumbida das diligencias necessarias para a execucao, e espontaneamente, e sem escrutinio, conferiram a presidencia ao consul de Portugal, o sr. José Agostinho de Salles. Os outros vogaes nomeados foram os srs. Manuel Pinto Leite, Joaquim Pereira Pestana, Manuel Joaquim Alves, Canillo Antonio da Silva, João Luiz de Oliveira Azevedo, Bernardo Dias Lima, Antonio José da Costa, João Pinto de Oliveira e Sousa.

O encargo recaiu nas pessoas mais idoneas para o desempenharem, e o resultado justificou amplamente a diserçãõ da escolha, e a capacidade dos eleitos. Nenhum d'elles deixou de corresponder á confiança que inspirava, rivalisando em esmero e actividade.

Era curto o espaço entre o dia em que se adoptou a resolucao, e aquelle em que havia de verificar-se; e custa a acreditar que em tão breve intervallo se conseguisse o que todos admiraram. Muito mais se teria feito ainda, se a impaciencia geral permittisse demorar por alguns dias a cerimonia; mas o pesar e o desejo de o tornar expressivo não consentiam delongas. Estava destinada a tarde de 28 de janeiro, e o dia 29 para os suffragios pelo eterno descanso da alma da senhora D. Maria II, e tudo se regulou de modo que o prazo não fosse excedido.

A presidencia da provincia, por um testemunho publico, quiz patentear a magua com que os brasileiros, nossos irmãos pela origem, lamentavam a prematura morte da princeza, que ornou o throno com as suas eminentes virtudes. Em consequencia das suas ordens toda a tropa de linha assistiu á piedosa

demonstracão, prestando as honras militares. A guarda da cidade conservou as armas em funeral, e as embarcações de guerra surtas no porto, assim como as fortalezas com as bandeiras a meio pau, uniram os gemidos do canhão ás orações do templo, e á saudade dos subditos.

Dava meio dia, e já na tarde de 28 todos os estabelecimentos mercantis da cidade baixa fechavam as portas; os negociantes estrangeiros das diversas nações quizeram acompanhar os portuguezes no sentimento dando-lhes esta prova de consideracão; assim continuaram até findarem as horas consagradas ao luto. Este acto significativo causou profunda sensacão, e foi agradecido segundo merecia.

Ao mesmo tempo os vasos de guerra, e as fortalezas, cumprindo as instrucções do governo da provincia, romperam a salva funebre com tiros de artilharia de quarto em quarto de hora; e o mesmo praticaram os navios mercantes brasileiros e portuguezes. Em todos se viam as vergas cruzadas, e as bandeiras com signaes de dó, sendo imitados na maior parte pelas embarcações estrangeiras ancoradas no porto.

O sumptuoso templo da cathedral, que é o antigo collegio dos jesuitas, tinha sido armado com a maior pompa, tanto interior como exteriormente. Ao lado de cada uma das portas creciam duas columnas, sustentando arcos, guarnecidas de fino panno preto com orlas de apurado gosto. Sobre o do centro levantava-se um escudo com esta letra: — GRATIDÃO DOS NEGOCIANTES PORTUGUEZES Á SUA AUGUSTA RAINHA.

O recinto da igreja offerecia um espectáculo apparatoso, com armações riquissimas desde a entrada até á capella-mór, subindo do pavimento até ás cornijas, no meio de infinita profusão e variedade de ornatos de veludo, de galões e de cortinas. No fecho de cada um dos numerosos arcos dos altares lia-se a cifra da rainha — D. Maria II! — De todas as tribunas pendiam colchas e tapeçarias com as armas de Portugal.

No frontespicio do templo admiravam-se tres pavilhões, coroados de seis bandeiras mortuarias. Abaixo do que estava no centro via-se o nome da soberana, e nas bandeiras as letras expressavam o seu titulo. O mausoleu ficou no meio de um quadrado de quatro esbeltas columnas da ordem toscana, representando as quatro partes do mundo, aonde estão situadas as possessões da corõa portugueza.

A da direita tinha na frente e sobre a base, em um escudo, os nomes das possessões europeas: S. Miguel, Santa Maria, Terceira, Fayal, Pico, Flores, Corvo, Graciosa, Madeira e Porto Santo. A da esquerda repetia os dos dominios asiaticos: Goa, Diu, Damão, Macau. A segunda no lado direito, na parte posterior, dizia os das terras africanas: Bissau, Cacheu, Angola, Congo, Benguella, Zinguichor, Firim, Geba, Cabo Verde, S. Thiago. Finalmente a quarta inscrevia as possessões da oceania: Malasia, Solor e Timor!

Por cima dos capiteis erguiam-se figuras allegoricas. Em uma estavam representados os jubilos natalicios da princeza, em outra viam-se as maguadas allusões da sua perda; na terceira figurou-se a abdicacão da corõa de Portugal pelo imperador D. Pedro; e na quarta a maioridade da rainha. As estatuas, além dos symbolos, que seguravam na dextra, tinham na esquerda as insignias de algumas das ordens militares do reino.

A meia altura das columnas em ricas tarjas liam-se as seguintes inscripções em verso, do sr. F. M. Barreto, allusivas aos factos que representavam.

A do natalicio da senhora D. Maria II dizia assim:

Foi do céu favorecido
Seu natalicio real,
Para o Brazil uma gloria,
Um bem para Portugal.

A da sua lamentada perda:

Chamada á patria celeste
Lá lhe remunera Deus
O pranto, que os seus choram,
O bem que fizera aos seus.

A abdicção foi expressada por esta quadra:

A ella a corôa herdada
(Lance bem raro e gentil!)
Transferiu o Quarto Pedro,
Primeiro então no Brazil.

A' maioridade correspondiam os seguintes versos:

Eil-a maior declarada,
Regendo o povo remido,
Fiel á carta jurada,
A' voz do pae fallecido

O pavimento do templo desde os degraus exteriores até ao altar-mór estava alcatifado de negro. Das columnas que supportam o côro, desdobravam-se largas cortinas pretas. O mausoleu era formado por um camarim de seis columnas doricas. O cenotaphio estava coberto de riquissimo panno de veludo, guarnecido de galão de ouro. As insignias da realza, sceptro e corôa, collocaram-se em cima. Junto d'estes symbolos estava a carta constitucional, cuja observancia foi a maior gloria do seu governo.

Sete degraus davam accesso para o cenotaphio, e em cada um d'elles uma inscripção exprimia o nome das diversas provincias do continente portuguez. Nos angulos, um esqueleto natural, envolto em crepe, lembrava a morte. O mausoleu rematava por uma corôa, em ponto grande, firmada sobre quartellos. Uma pomba pairando sobre ella, alludia ao notavel successo, que maravilhou a quantos assistiamos ao saímento da soberana.

O manto real, prezo ao tecto pelo centro, e ás columnas pelas extremidades, cobria o monumento funebre. Era de veludo forrado de lhama de prata, e orlado de galões, rendas e franjas de ouro. No alto via-se a cifra — D. M. II.

Aos lados do mausoleu estavam altares, em que se celebrava a missa; e as proporções do catafalco eram tão vastas, que apesar da amplidão do corpo da cathedral, o recinto parecia estreito para comprehender todos os convidados.

Uma orchestra de cem musicos occupava o côro. Officiou o reverendo arcebispo metropolitano acompanhado de todo o cabido, e do seu clero.

Dentro da igreja, um dos maiores templos da Bahia, apinhavam-se cidadãos de todas as jerarchias, trajados de luto rigoroso. Assistiram á solemnidade o sr. presidente da provincia, o general commandante das armas, os dezembargadores da relação, o chefe da policia, os consules, os inspectores das thesourarias geral, provincial, e da alfandega, e inmensos outros empregados publicos, e cavalheiros de todas as classes e nações.

Os officios principiaram pelas dez horas da manhã, e terminaram ás duas e meia da tarde, seguindo-se as descargas de fuzilaria, e as salvas de

artilharia dadas por quatro bôcas de fogo, postadas defronte da cathedral no terreiro de Jesus.

No interior do templo reinava o mais profundo silencio, prova do respeito devido ao acto, e ao escolhido concurso. Tudo se ligava para abater as vaidades humanas, e levantar a Deus o coração desenganado. O dobre triste, gemido nos campanarios, a voz lamentosa dos sacerdotes, a luz sombria que se escoava a furto por entre os véus lugubres que vestiam a igreja, e as notas melancolicas da orchestra harmonisavam com a magua e o recolhimento dos assistentes, gravando em todo o quadro um character sublime de compunção, e gravidade religiosa.

Abragando aquelle espectáculo a alma caía n'uma reflexão dolorosa. Na grande scena, chamada mundo, e no sonho vão, denominado vida, a morte é o termo inevitavel, e o desenlace final das illusões. O exemplo estava ali. Uma rainha na florescencia dos annos, cercada de todas as grandezas, vendo aberto diante de si o mais bello futuro, em poucas horas ferida e prostrada, não deixava de tantas pompas e magnificencias senão a boa memoria das suas virtudes. . . Taes deviam ser as meditações que o logar e o successo suscitavam, quando souo pelo templo, vibrante e pezada de tristeza, a voz do orador sagrado, incumbido de as avivar!

A commissão tinha escolhido para orador das exequias o reverendo conego José Joaquim Fonseca Lima; e não podia recair a preferencia em pessoa mais adequada. O seu discurso, eloquente e sentencioso, correspondeu á magestade do acto e á expectativa do auditorio. Sob o influxo da sua palavra concisa e ornada, diante das imagens creadas para dar côr e alma aos pensamentos, á pintura energica e sobria das infinitas dores da catastrophe, o coração dos ouvintes palpitava oppresso, e as lagrimas deslizavam em fio pelas faces. Quando a oração concluiu, o consul de Portugal acompanhado de toda a commissão foi ao encontro do sr. Lima, e n'um abraço convulso e cheio de commoção disse-lhe o que a voz não podia exprimir n'aquelle momento.

O orador sagrado tirou o seu thema do cap. VII, v. 27 de Ezechiel, e desenvolveu-o com a grandeza propria. «O rei ha de chorar, a magua mais profunda cobrirá o coração do principe, e o povo da terra será tomado de espanto e de dôr!» Logo no exordio, em traços magistraes, a eloquencia do pré-gador soube applicar admiravelmente o texto. Rompendo por uma exclamação animada resumiu todas as angustias do assumpto em poucas phrases:

«Eis um throno subitamente convertido em tumulto! . . . E acreditareis ainda nas grandezas do mando?» disse elle. «Poder, mocidade, formosura, encantos da vida, eil-os todos pôr terra e sem valor ante os tropheus da morte. O funesto vaticinio do propheta infelizmente, como em Judá, realisou-se em Portugal. O anjo do exterminio, que piza igualmente a choupana do pastor e o palacio do monarcha, em um momento transformou os paços reaes de Lisboa na lutuosa habitação da mais pungente dôr. Ah! Quantas calamidades a deplorar n'uma só morte! . . . A viuvez do espôso, a orphandade dos filhos, a consternação de um povo-inteiro, que chora desfallecido e conturbado de amargura e espanto. *Rex lugubrit, princeps inductur marore, et manus populi terræ conturbabuntur!*

As virtudes e dotes da soberana, e o luto geral da sua perda inspiraram ao orador movimentos e bosquejos dignos do estylo religioso, em que realça o começo do seu discurso. Os affectos em todo elle são tocados com felicidade; e a peroração, profunda-

mente christã, aponta para a morada celeste, como para o ultimo e verdadeiro refugio dos trabalhos do homem. Os louvores, que esta bella oração attrahiu, não excederam o seu merito. Era assim, que a voz dos Massillons costumava fallar aos povos deante do tumulto dos principes.

Todos os portuguezes, que concorreram para esta piedosa demonstração de amor á patria, e de dedicação á memoria da rainha fallecida são credores do mais sincero louvor. É grato, a tanta distancia, ver palpitar o seu coração unido ao nosso, e tão sincero na expressão da magua. Os esforços e diligencias da commissão eleita para executar as suas decisões patrioticas, e o modo por que se desempenhou do encargo, estão acima de qualquer elogio. Não se vencem obstaculos, como os que atravessou, e não se alcança o resultado, que lhe coroou as fadigas, senão quando ao desejo se junta o ardor e a invencivel resolução de pôr todos os meios para o conseguir.

Do sr. José Agostinho de Salles, consul de Portugal, o que poderemos nós dizer? São unisonos os testemunhos de naturaes e estrangeiros em affiançar o disyello, o zêlo, e a capacidade, com que se houve. É de suppor que tantas provas de lealdade e de brio antigo da parte d'elle, e da parte dos vogaes da commissão não fiquem no esquecimento.

Ao governo portuguez cabe fazer agora o que sempre foi costume praticar-se. Ha recompensas proprias de animos generosos, que não significam premio vulgar, mas agradecimento honroso. Contâmos que assim acontecerá. Seria deploravel o menor esquecimento sobre a campa da mãe do senhor D. Pedro V, e da esposa do regente. Longe de nós suppol-o! (1)

L. A. REBELLO DA SILVA.

SCENAS DE ESCRAVATURA.

II.

HISTORIA DE UM NEGRO.

ERA em novembro de 1844; o calor abrazava a cidade do Rio de Janeiro, e nem a chuva que caía em torrentes refrescava a atmospherã. Deitados em rédes, eu e o meu amigo R., locatario de um lindo pavilhão, defronte do passeio publico, conversavamos em cousas da patria, mirando, descuidados, as arvores que se balouçavam mollemente a pouca distancia, e a chuva que nos invadia a casa pelas janellas abertas; quando um dos escravos do meu amigo veio annunciar-lhe que estava ali o pedreiro, chamado para concertar o fôrno da cosinha. R. ergueu-se para determinar a obra que era necessario fazer, e eu accendi um bom charuto *regalia*, e fiquei beatificamente fumando, sem pensar em cousa alguma, e olhando para a côr azulada do fumo e para o branco da cinza do meu querido charuto. D'ahi a pouco voltou o amphitrião, risonho como sempre estava na minha companhia, porque me era afeiçoado desde o berço, e disse:

— « Vou apresentar-te um principe. »

— « Um principe! » respondi eu meio serio, meio jovial; « então deixa-me ir vestir a farda, para o receber convenientemente. »

— « Não é preciso, » replicou elle com uma gargalhada sonora; « o nosso principe é o pedreiro que me annunciaram. »

— « Como assim? »

— « É um principe da Cabinda, sem tirar nem pôr. Era escravo de um amigo meu, que lhe mandou ensinar o officio de pedreiro; com as suas economias comprou a liberdade, e hoje é fôrro. »

— « Estás caçoando comigo, » repliquei eu, « sacudindo indolentemente a cinza do charuto, e soprando-a de sobre a camisa aonde me caíra; os cabindas não se vendem, nem os vassallos, quanto mais os principes. »

— « Mas é que este não foi comprado, foi roubado. Elle mesmo te vae contar a historia, e ficarás conhecendo mais uma das façanhas dos negreiros. »

Passada meia hora entrou na camara em que nos achavamos um bonito preto, côr de azeviche, alto, bem feito, e que mostrava ter trinta a trinta e cinco annos de idade.

— « A obra está prompta, » disse elle; « o senhor quer mais alguma cousa? »

— « Demora-te um momento, » respondeu-lhe o meu hospede; « vae beber um copo de aguardente, e contar a este senhor como te apanharam em Cabinda. »

Eu sentei-me immediatamente na rêde para ouvir a narração; R. estendeu-se o melhor que pôde; e o preto, depois de despejar de um trago o copo que lhe offereceram, contou a sua historia, pouco mais ou menos, nos termos em que a vamos repetir aos leitores.

— « Era feliz o tempo em que eu saltava livremente por aquellas lindas praias de Cabinda, e ia de espingarda ao hombro procurar a caça entre as arvores frondosas dos dominios de meu tio! » E o preto vacillou como assoberbado por aquella recordação; limpou o suor do rosto luzidio, e proseguiu: « Não julgava ter de abandonar jámais aquelles logares queridos da minha infancia, nem os parentes que tanto me estimavam, nem as mulheres que me pertenciam, e que eu adorava. »

— « Todas? » interrompi eu.

— « Todas, » respondeu elle com voz chorosa; « por que todas eram bellas e fieis! »

— « Caso raro! A nós custa-nos a encontrar uma só com esses predicados. Continúa. »

— « Um dia aportou ali o brigue *Veloz*; vinha receber um carregamento de escravos, que tinha ajustado. Meu tio havia feito com tempo a encommenda para o sertão, e a fazenda estava prompta nos armazens de Cabinda. Veiu a terra o caixa e o capitão do navio, entregaram metade da somma convencionada, em pannos, aguardente e polvora, e ajustaram entregar a um commissionado de meu tio o resto da importancia, em dinheiro, logo que a carga estivesse a bordo. Não houveram difficuldades n'esta convenção, porque conheciamos bem o caixa, homem serio, de poucas fallas, e que já fizera outras transacções com meu tio; quanto ao capitão, tinha elle um genio tão jovial, que não duvidamos tomal-o pelo melhor homem do mundo. Como as physionomias enganam! »

Depois d'esta moralidade, o principe Jaca fez uma pequena pausa, e depois continuou assim:

— « Não havia tempo a perder, porque de manhã apparecêra no horisonte um cruzador inglez; tratou-se do embarque dos negros com toda a actividade, e ao pôr do sol tinha largado da praia a ultima lancha de escravos, com os quaes se prefazia o numero de quinhentos. Meu tio, o rei de Cabinda, chamou-me á sua cubata, e ordenou-me que fosse a bordo do

(1) A nossa gravura representa a magnifica eça erigida na cathedral da Bahia para a celebração das exequias da rainha de Portugal a senhora D. Maria II; no seguinte numero daremos o desenho da fachada do templo.

Veloz receber o dinheiro que lhe deviam da cargação; e eu, sem demora alguma, embarquei em uma pequena canôa, puchada por quatro brancos... o senhor sabe que os meus patricios se chamam a si mesmos *brancos de Cabinda*, porque entre nós não ha escravos!... pois bem, a canôa voava em direcção ao brigue, porém um espectáculo horrivel me fez mudar de rumo; era uma das lanchas que se tinha virado, e os negros, amarrados uns aos outros, deixavam-se morrer, sem fazerem o menor esforço para salvar-se. Quando cheguei era tarde; aquella cadêa de homens mergulhára, como os élos de uma corrente sôlta do escovem, e um cardume de tubarões, saltando entre duas aguas, abysmava-se em seguida dos pobres negros, exactamente como a ave de rapina em perseguição de outro volátil.

— «E morreram todos, com effeito?»

— «Todos! E até os cabindas, que tripulavam a lancha, e que elles arrastaram ao abysmo. Depois de vãos esforços para salvar algum dos naufragos, resolvemos aproar ao brigue, que já tinha as velas largas, e que só esperava por aquelle ultimo barco, e não sei se por mim tambem. Quando subi ao convez do navio, vi o capitão e o contra-mestre, ambos embriagados, maltratando por divertimento os escravos que iam mandando descer para o bailéu; e quando eu contei ao caixa a desgraça que acabava de succeder, aquelles dous malvados clamaram em côro que era roubo meu ou do rei de Cabinda, e que em todo o caso não devia o caixa entregar-me a metade da somma ajustada, que faltava a pagar. Eü, que conhecia de ha muito o caixa, homem serio, como já disse, e das melhores contas, reclamei d'elle o cumprimento do ajuste, dando-lhe por testemunhas os remadores do meu bote. «Os remadores do teu bote são bem bons para substituirem quatro dos negros que se afogaram, bradou, entre gargalhadas, o capitão; e tu mesmo entrarás em logar de um outro,» continuou lançando-me a mão ao pescoço. Indignado de um tal atrevimento, sacudi-o com força, e fui refugiar-me junto do caixa... Acreditaloha, senhor?... O que faz a sede do ouro! O caixa fustigou-me com uma chibata, que tinha na mão, e mandou-me agarrar por dous marujos. Vendo-me só e desarmado, escolhi o unico partido possivel para me salvar da escravidão e dos tratos, o unico que a desesperação podia aconselhar em taes circumstancias; corri para a borda, e tentei lançar-me ao mar... mas nem morrer me deixaram! Com ferros aos pés e ao pescoço, com o corpo moido de pancadas, fui conduzido ao porão, e seguiram-me ahi os quatro remadores do bote; ainda estavamos peor do que o resto dos escravos, e comtudo o espectáculo que eu presencava era horrivel!

— «Pobre Jaca! Foste victima de uma traição infame para roubarem teu tio.»

— «Quando descia as escadas da escotilha, ouvi dizer ao caixa: Os escravos que se perderam foram cincoenta, e agora não tenho meio de arranjar outros, porque é preciso fazermo-nos ao largo quanto antes; eu não os dava por uma quantia igual á que deixo de satisfazer a esse rei de carapinha; pois bem, vão os cinco cabindas para equilibrarem a conta; como *ladinos* hão de valer mais. E bom é costumarmos tambem estes brancos a trabalharem nas roças do Brazil... querem fazer-se fidalgos! Ah! senhor, então lembrei-me de que era bem merecido o castigo que soffria, porque trabalhára com aquelles homens sem alma para escravisar meus irmãos no sangue, e até na cór... Lembrou-me a religião dos christãos, em que varias vezes ouvira fallar, e pedi perdão a Deus dos meus peccados; porém occorreu-me

logo que tambem aquelle caixa do navio, aquelle capitão, aquelle contra-mestre eram christãos... e fiquei perplexo; mais tarde abracei de todo o coração os santos dogmas do christianismo, com elles me fortaleci contra as idéas do suicidio, e graças a Deus sou livre, e sel-o-hei, porque não tenciono voltar mais á Africa. Antes pedreiro ao abrigo da lei, do que principe exposto á rapina da raça vil dos negreiros... a sua unica religião é o ouro!»

— «Deves estar fatigado, Jaca; bebe outro copo de aguardente, e conclue já agora a tua historia.»

O principe resignatario não se fez rogado, nem para beber, nem para continuar a sua triste narração:

— «Senti,» disse elle, «pelo movimento do navio, e pela algazarra da marinhagem, que já iamos a caminho da America. A primeira noute da viagem foi bem cruel para mim. Depois d'aquelle pensamento christão, veiu a duvida, como contei, e o meu unico desejo era suicidar-me; porém estava de tal forma prezo, que nem me podia afogar com as mãos, nem bater com a cabeça contra algum ferro, nem acabar a vida por outro qualquer meio. Não aprendêra a suffocar-me virando a lingua, como fizeram tantos dos meus companheiros de escravidão, cerceando com a sua morte os lucros d'aquelles malvados... É o mesmo, hoje sou livre!»

A alegria brilhou no rosto do preto. Como é bom dizer: *Sou livre!* Estive indagando d'elle, como era o tal suicidio virando a lingua, e Jaca tratou de me fazer perceber o methodo; confesso, todavia, que não fiquei habilitado para o explicar claramente aos leitores... nem mesmo creio que tenham precisão de o saber.

— «Que quadro!» exclamou o liberto, «ver tantos infelizes, sem distincção de sexo nem de idade, algemados aos grupos de quatro, seis e dez, inteiramente nus, quasi privados de ar, e tendo por unica distracção as momices de seus conterraneos, os bombas, pagos para divertirem com biocos, ao uso nacional, aquelles desgraçados, que morreriam de melancolia se lhe faltassem os taes bufões encarregados de afugentar ao menos a nostalgia, em meio de tantas privações. Estes homens são indispensaveis em um navio da escravatura. Não é por humanidade que os negreiros querem ter alegres os escravos, é para conservarem a sua fazenda. Se se desenvolve uma epidemia a bordo, lançam ao mar, vivos, os que primeiro são atacados, e o mesmo succede se escaçeiarem os mantimentos: para salvar os mais robustos, alijam-se os mais fracos...»

— «Que estaes ahi a dizer!?! atalhei eu.»

— «A verdade, senhor; tudo isso eu vi fazer, e á minha robustez devi o chegar ao Rio de Janeiro, por que a viagem foi muito longa; perdeu-se bastante tempo a fugir dos cruzadores em ambas as costas, appareceu o escrobuto, e a farinha de pau ia faltando. Oh! ainda me lembro com horror de uma pobre negra, a quem arrancaram o filho doente para o lançarem ao mar... cortava o coração ouvir a desgraçada, pedindo em altos brados que lhe restituíssem o filho ou a matassem tambem... Qual! se ella era robusta...»

— «Basta!» clamei eu, «saltando fóra da réde, não preciso ouvir mais!»

— «Ah... ah!... Parece que vens dos antipodas,» disse rindo o meu amigo R.; «pois tu nunca ouviste d'estas narrações em tres annos que estiveste na Africa?»

— «Sabia alguma cousa... mas tanto! Assim se dispõe da vida do seu semelhante.»

— «Ora, tem paciencia,» continuou o meu hospede

de: «ouve o resto; o desembarque deve ser interessante.»

— «Eu conto em duas palavras,» acrescentou o preto; e vendo que eu tornava a sentar-me, e accendia outro charuto, proseguiu assim:

— «É de noute quasi sempre que se vae procurar o ponto, o lugar de desembarque; uma luz combinada entre os proprietarios da carga e a gente do navio indica em terra a direcção que devem levar os escravos. O capitão aprôa a embarcação a essa luz, e d'ahi a pouco vê-se cercado de lanchas que, em um momento, o livram d'aquella pezada carga. Quando o *Veloz* desaparecia no horisonte, já nós estávamos a ser examinados pelos compradores, em uma praia perto de Cabo Frio; a mim, coube-me a feliz sorte de ir para o poder do sr. M.*, e no fim de seis annos de trabalho alcancei a minha carta de alforria.»

Assim terminou o principe Jaca a sua curiosa narração, e tendo-o despedido, com outro copo d'aguardente e algumas patacas, ficamos sós, eu e R.*, meditando ácerca do que acabavamos de ouvir. Foi o meu amigo quem rompeu o silencio n'estes termos:

— «Vês tu, Francisco, o que succede, apesar dos cruzeiros inglez, francez, portuguez e brazileiro, com os quaes gastam as respectivas nações tantos contos de réis? Sabes bem que nunca fui negreiro, nem a nossa profissão de officiaes de marinha o comportava; porém, a verdade é que n'esta perseguição ao trafico dos escravos, só lucraram os inglezes, e quem mais perde são os negros. Quando o commercio da escravatura era licito não embarcavam em cada navio mais que os homens correspondentes á sua tonelagem, menos talvez do que hoje se carregam nas embarcações de colonos, que são brancos e livres... *na sua terra*. Vinha um padre baptisal-os antes de darem entrada nas alfandegas d'Africa; havia a bordo cirurgião e botica, e tratava-se com esmero da saude d'esses infelizes, que tanto maior valor tinham quanto mais robustos se apresentavam no mercado. Hoje acontece o que acabas de ouvir; como é difficil escapar sempre aos cruzeiros, trata-se de carregar em cada navio o maior numero de negros, para que a viagem dê um lucro extraordinario; e os inglezes fazem servir por dez annos nas suas colonias os escravos que apanham. Será isto philantropia?»

— «Não é de certo; mas que querias que se fizesse? Deixar continuar o infame trafico?»

— «Não sei o que queria; mas o facto é que todas as cousas do mundo tem dous lados por que se encarem, e que não se pode dar absoluta razão a uma das partes sem ouvir a outra.»

— «Assim é infelizmente... mas que quer esse outro preto?»

— «Diz que o jantar está prompto... Vamos; e deixemo-nos de emendar o mundo.»

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

O CORSARIO

Vae, galera, não pares que é tarde,
Inimigas galeras lá veem;
Se as evitas dirão que és cobarde,
Se não faltas, tu vences tambem!
Vae, galera, que eu nem me recordo
De tão linda vogares assi!...
O corsario tu levás a bordo,
Que em ti vive, contigo, por ti!

O combate e a victoria são perto,
Quem a palma nos ha de arrancar?!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

Sou proscripto, tu pobre és proscripta,
Que nos venham aqui dar a lei!
Que no Oceano, que em furia se agita,
És rainha, galera — eu sou rei!
D'este peito que em chammas escalda
Quer o fogo na guerra crescer!
Tua fronte orgulhosa engrinalda,
Que mais louros lhe vamos colher!
E das aguas no immenso deserto
Morte ou gloria podemos buscar!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

Já outr'ora cedi ao impulso
De fatal e mentida paixão!
Por uns olhos sentia convulso
Pallular este meu coração!
São loucuras; mas uma por uma
Já o tempo ao olvido lançou!
Vae, galera, entre os frocos d'espuma
Onde a honra de longe acenou!
Quem o preito não ha de render-to
Quando o som do canhão ribombar?!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

Pela patria nutri dentro d'alma
Todo o amor que se deve a uma mãe!
Renegou-me, e esse amor já se acalma,
Que não ama a uma ingrata ninguem?
Foi então... que nas ondas qu'espalhas
Vim mais livre da vida fruir!
E as victorias contei por batalhas!
Ninguem ouve o meu nome a sorrir!
Sopra o vento fagueiro mais certo,
Vae, galera, não debes cansar!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

Do corsario és, galera, tão q'rida
Que outro affecto o não pode prender!
Se em ti só se resume esta vida
Comigo has de abraçada morrer!
Pelejar quanto é bello não sente
Quem o sangue sentiu parar já;
Vae, galera, que vaes c'um valente,
E que a p'leja te aguarda de lá!
E de guerra o pendão que te offerto
Qu'imprudente ha de impune tocar?!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

Pelo dorso das ondas deslisa,
Já lá vejo as bandeiras hostis!
Não t'esqueças da nossa divisa,
Nem acurves de medo a cervis!
Só os fracos desmaiam de susto
Da metralha ao solemne fragor!
Não se alquebra este braço robusto,
Não lhe foge na lucta o vigor!
Aos contrarios nas aguas aberto
O sepulchro lhes vamos cavar!
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar!

C'uma nuvem de balas espessa
Te saudaram, galera, que vens —

Não respondes, galera, depressa?
 Já canhões em teu seio não tens?!
 Entre o fumo que os ares povôa
 E o clamor q'um guerreiro seduz,
 Triste o archanjo da morte revôa
 Com seu facho de pallida luz!

Não sou chefe na guerra inexperto,
 Hei de o sangue com sangue lavar!
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar!

As adversas falanges recrescem
 Que trahidos nós somos — não vês?
 E se as forças em nós desfallecem
 És, galera, vencida talvez!
 Jorra o sangue das f'ridas mais fundas,
 Nem ás f'ridas o peito poupei!
 Tu, galera, coitada te afundas;
 Mas a morte que temos . . . vinguei!
 D'estes olhos o brilho é incerto.
 Nunca mais hei de ouvindo folgar
 A harmonia do rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar! . . .

ERNESTO MARECOS.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL
 AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient
 comme moi les archives du passé au
 milieu des ruines du présent.

CHATBAUBRIAND. ETUD. HIST.

FAM diante tresentas azemalas cobertas de magníficos reposteiros de seda de varias côres e primorosos ornatos, que outros tantos azemeis vestidos de ricas librés de gala levavam de redea: segujam-se os criados dos nossos embaixadores e dos cardeaes: iam depois todos os muitos portuguezes, tanto ecclesiasticos como seculares, não empregados n'aquella missão, que então se achavam em Roma, em cujo numero entravam Fernão Gomes, Gaspar Dias, e o depois insigne, Manuel Campello, artistas habilitados, que el-rei D. Manuel mandára para aquelle paiz classico das artes afim de se aperfeigoarem na pintura debaixo da direcção de Buonarotti, Rafael de Urbino, e Parmigiano. Seguiam-sé os parentes de Tristão da Cunha, de Diogo Pacheco, e de João de Faria, que tambem não faziam parte da embaixada portugueza, e que passavam de cincoenta, todos vestidos de ricas telas e brocados, com chapéus cobertos de perolas e aljofares, trazendo a tiracollo preciosas cadêas de pedraria engastada em ouro, e montados em briosos ginetes arrejados com sellas, peitoraes, e caparazões de grande prego. Uma companhia de bésteiros de cavallo (soldados armados de arcos e settas, que el-rei D. Manuel extinguiu em 14 de março de 1458, quando em quasi toda a Europa se adoptou a ordenança suissa ou franceza, ou segundo a tactica inventada por Machiavello) separava aquelles nobres portuguezes dos officiaes da casa de sua santidade, em seguimento dos quaes marchavam duas guardas de honra, uma de archeiros suissos com capacetes e alabardas, vestidos de gibões brancos e calçados de borzeguins encarnados com canhões verdes, como se usava na idade media, segundo o molde dado por Buonarotti, e a outra guarda de soldados gregos trazendo, pelo costume da sua nação, barretes vermelhos, tarjas nos bra-

ços, saíotes brancos, boldriés de que estavam suspensas as espadas, e lanças nas mãos; soccorrendo-me eu para a distincção que fiz d'estes uniformes de uma collecção, hoje mui rara mesmo em Italia, mas infelizmente incompleta, que possuo, de estampas representando outro acompanhamento, e gravadas por um famoso abridor d'aquelle tempo. Atraz d'aquellas guardas vinham os trombeteiros e charameleiros do corpo de guardas nobres do pontifice, e os musicos da embaixada portugueza ricamente vestidos e montados em bons cavallos; e logo depois o estribeiro-menor Nicolau de Faria, cavalgado n'um formoso ginete ajazado de guarnições de ouro esmaltado e guarnecido de finas perolas: seguia-se o elefante real de Ceylão, custosamente acobertado de guarnições de ouro massigo, e sobre elle um naire ou nobre do Malabar, como cornaca ou conductor, sumptuosamente ataviado ao uso do Oriente, e o cofre levando as preciosidades offerecidas por el-rei D. Manuel ao pastor universal da Igreja; indo depois d'aquella raridade o cavallo persio, montado por um caçador de Ormuz, tambem em trajo oriental, levando nas ancas do corcel a onça de caça estendida n'uma coberta nervada e dourada com todo o primor. Vinham immediatamente os cavalleiros addidos á embaixada de Portugal, e o secretario Garcia de Resende; caminhando em seguida o bacharel Antonio Rodrigues, rei d'armas de Portugal, vestido com a sua cota, a quem el-rei D. Manuel, que n'elle creou este cargo, mandara a diversas côrtes estrangeiras para n'ellas aprender as obrigações d'este officio. Apoz este empregado vinham os maceiros do papa, seguindo-se logo Tristão da Cunha collocado entre o principe Francisco Sforza, de quem já fallei, e que n'aquelle tempo tinha o titulo de duque de Bari, e o governador de Roma; Diogo Pacheco no meio do bispo de Nicosia, e do conde Alberto Caspio, embaixador do imperador de Allemanha; e João de Faria, levando á direita o bispo de Napoles, e á esquerda o celebre litterato Budeo, embaixador de França. Vinham em seguimento os embaixadores de Castella, Inglaterra, Polonia, Veneza, Milão, Lucca e Bolonha, um depois do outro, levando cada qual um bispo á sua mão direita, terminando o prestito com um grande numero de prelados.

N'esta ordem, e ao som das salvas de artilharia misturado com o dos sinos e das musicas militares, caminhou magestosamente o brilhante prestito, entre vivas e aclamações de innumeraveis espectadores, pela *strada* del Corso, que em meio de duas grandes ruas corre da praça del Populo a entranhar-se na cidade, calculando-se que n'esta larga e espaçosa area (onde haviam fontes de vinho engenhosamente dispostas pelos ricos mercadores florentinos para saciar a sêde do povo) estaria um terço da povoação de Roma, que segundo Paulo Jove passava então de outenta e cinco mil habitantes: e tomando depois pelas ruas *della Fontanella, della Tinta, di Monte Brianzo, del Orso e di Tordinona*, e pela praça e ponte *Elia*, que fazem rosto á antiga *Mole Adriana*, já então transformada em cidadella moderna com o nome de *Castello de Sant'Angelo*, foram os novos hospedes vindos das margens do Tejo, salvados com artilharia do forte, que se avança sobre as arêas limosas do Tibre; e desfeitas as nuvens do fumo, que os tiros haviam feito subir, appareceu na varanda resaltada da muralha do forte o pontifice, atreito a tudo o que tinha um ar de elegancia e grandeza, e que, para maior distincção viera honrar esta apparatusa scena historica com a sua presença: e assim como aos grandes e belles

espectáculos da Roma antiga costumavam assistir os imperadores com as ordens senatoria, consular e equestre, e os centuriões, os tribunos, e toda flor das legiões romanas, viam-se também ali em roda de Leão X muitos cardeaes, alguns dos quaes, de baixa e humilde condição, haviam por suas virtudes e letras sido elevados á alteza e lustre da purpura: cabendo aqui notar que, se em nenhuma cõrte se cresce tanto, nem tão depressa como em Roma, onde subiram ao throno um Montalto, que fõra guardador de porcos, e Ganganelli, que com o seu amigo de infancia Bertinazzi, mais conhecido no theatro italiano pelo nome de Carlino, viu de cima de uma trazeira a enthronisação do seu predecessor Lambertini, não é menos sabido quão bem se applica ali a maxima, a que muita gente dá uma absona e absurda extensão, de que as portas e entradas para os empregos não devem estar abertas e livres a todos, mas só ás pessoas benemeritas. Quando o prestito passava em frente do papa, o naire, tendo feito parar o elefante real, dobrou este á um signal dado pelo cornaca, por tres vezes os joelhos, e tomando depois na tromba uma grande porção de agua distillada de varias hervas aromaticas que para este fim estava preparada n'um grande vaso, rociou, por outras tantas vezes, com aquelle liquido cheiroso, a varanda em que estava sua santidade; e virando-se depois para o povo, fez o mesmo; sendo estas engraçadas cortezias ao gosto oriental mui victoriadas de todos, e celebradas em verso por Aurelio Sereno. Depois d'esta parada continuaram os nossos embaixadores o seu caminho na mesma fórma em que tinham vindo até ao palacio onde haviam sido alojados.

Tendo Leão X assignado a segunda feira 20 de Março para a audiencia publica dos embaixadores portuguezes, chegaram elles, á hora marcada, ao palacio do Vaticano, precedidos da musica da embaixada, do rei de armas Portugal, e do secretario e mais cavalheiros empregados n'aquella missão: e, quando ao subirem a escada regia, então apenas acabada de fazer, e por onde tem ascendido tantas e tão differentes personagens historicas de todas as nações n'estes tres ultimos seculos, se não fartavam de admirar os grandes primores da arte d'aquella elegante e magnifica obra de pedra, todos os grandes mestres, que nas famosas logéas estavam occupados, suspendendo os trabalhos que os immortalisaram, e fizeram de Roma a aula do mundo, vieram também, por sua parte, ver com espanto os representantes da corõa de um cantinho da Europa, que em todas as partes do globo tinha hasteado a sua bandeira. No topo da escada, e junto á estatua do grande imperador, que deu a paz, e a permissão de fundar estabelecimentos á Igreja, estava o primeiro official da casa pontificia esperando os embaixadores do monarca, que com as suas armas tinha, como diz o nosso Homero, dilatado a fé no Oriente. Passando depois aquelles ministros, entre duas fileiras de guardas nobres, pelas differentes salas admiravelmente pintadas pelo divino Rafael, foram por esses, como degraus de reverencia e culto, chegando a presença do pontifice, collocado em um estrado elevado na chamada sala ducal, tendo junto a si o seu secretario Sadoletto, e em torno d'elle o collegio cardinalicio, o corpo da prelatura, e as principaes pessoas da nobreza romana. Subindo todas as da embaixada e comitiva áquelle estrado, beijaram devotamente os pés do chefe visivel da Igreja, e collocados depois, segundo a cathogoria de cada uma, em proporcionada distancia do pontifice, leu o secretario Garcia de Rezende, como então era estylo, em

voz alta, o transumpto das credenciaes, que Tristão da Cunha, depois d'esta pratica, entregou reverentemente a Leão X; e posto então todo aquelle numeroso e douto auditorio em silencio, rompeu, depois de breve espaço, Diogo Pacheco com o eloquente discurso em latim que começou por esta apostrophe: «Eloquar, an sileam,» fallarei, ou ficarei calado? (Quantos oradores hoje em dia acabam as suas fallas depois de provarem que deviam ter-se conservado mudos!). Dando depois de uma breve pausa, aquelle abalizado jurisconsulto, não inferior aos ciceronianos, que o ouviam, livre curso á sua altiloquencia, historiou os gloriosos feitos dos portuguezes em ambos os mundos; e apresentando as nossas descobertas, navegações e conquistas como outros tantos meios dispostos pela providencia divina para levar a clara e civilisadora luz do christianismo a tão remotos, e, até poucos annos antes, incognitos climas, fechou a sua bella oração com uma chave verdadeiramente de ouro, observando que n'aquelle mesmo tempo de aguas envoltas em tantas partes da Europa, e quando n'ella se temia uma invasão dos turcos, as aguas do Indo e do Ganges, e as do Tejo e do Tibre, confluíam docemente para o mesmo importante ponto, debaixo dos felizes auspicios de um rei poderoso e magnanimo, e de um pontifice virtuoso e esclarecido. O papa respondeu mais largamente do que em taes occasiões se costuma praticar, com palavras honradoras da corõa e da nação portugueza; retirando-se em seguida os embaixadores com o mesmo sequito, com que tinham vindo.

No dia seguinte foram os embaixadores portuguezes, com o mesmo acompanhamento nacional, levar a Leão X os presentes que haviam trazido; e fazendo-lhe elles entrega, no *Cortile* (pateo) *del Belvedere*, do cofre contendo os magnificos paramentos e preciosos adornos, todos feitos em Portugal, e que elle examinou um por um, admirando todos, passou depois a receber as seis raridades do reino animal, merecendo-lhe particular attenção as destrezas e habilidades da onça, no jardim contiguo, d'onde, depois de despedir-se dos ministros e comitiva com palavras obsequiosas e benevolas, se retirou pelo bello corredor que communica aquelle passeio com o palacio do Vaticano.

(Continúa.)

MARQUES DE REZENDE.

LISTA COMPLETA DOS PEQUENOS PLANETAS. COM A DATA EM QUE FORAM DESCOBERTOS.

Nomes.	Datas.	Observador.
Ceres	1 janeiro 1801	Piazzi.
Pallas	28 março 1802	Olbers.
Juno	1 setembro 1804	Harding.
Vesta	29 março 1807	Olbers.
Astréa	8 dezembro 1845	Hencke.
Hebe	1 julho 1847	Hencke.
Iris	13 agosto 1847	Hind.
Flora	18 outubro 1847	Hind.
Thetis	25 abril 1848	Graham.
Hygie	25 abril 1849	Gasparis.
Parthenope	11 maio 1850	Gasparis.
Victoria	13 setembro 1850	Hind.

— O gozo e o soffrimento constantemente alternam a nossa existencia; são dous socios oppostos, que nos acompanham até á morte.